

ARTESANATO EM ASCENSÃO

EM SEU NOVO LIVRO, A JORNALISTA E CURADORA ADÉLIA BORGES VAI ANALISAR O ENCONTRO FRUTÍFERO ENTRE DESIGNERS E ARTESÃOS BRASILEIROS. DESSA UNIÃO ATUALÍSSIMA, BROTA UMA “REVOLUÇÃO SILENCIOSA”, COM RESULTADOS NO DESIGN E NA SOCIEDADE

POR BETO ABOLAFIO | FOTO GABRIEL MATARAZZO (RETRATO)

A JORNALISTA, CURADORA e professora de história do design Adélia Borges, 59 anos, vai lançar até o final do ano seu sétimo livro, desta vez, com o artesanato brasileiro como tema. Ainda sem editora definida, a obra, em produção, deverá se chamar *Artesanato, Design e Inovação Social*. O objetivo, segundo Adélia, é focar a aproximação entre designers e artesãos brasileiros, da qual têm nascido produtos e transformações socioeconômicas.

“Vou retratar experiências exemplares”, conta ela, que, desde 2007, quando deixou a direção do Museu da Casa Brasileira, firmou-se como curadora independente e, além de concorridas exposições, tem se dedicado a ministrar palestras, inclusive em outros países, onde percebe um interesse crescente pelo design daqui. Em seu home office, numa simpática vila no bairro de Pinheiros, em São Paulo, ela falou a respeito da obra à *Casa Vogue*, que antecipa, com exclusividade, algumas imagens.

Como você vê a cena atual do design brasileiro?

Nunca esteve tão bem. Hoje, temos uma mudança econômica, a incorporação de várias camadas da população ao mercado e um processo de transformação social. Isso tudo tem impacto no design. Além disso, há um florescimento cultural do país. Desde o início do século 20, vemos que não nos falta inventividade e criatividade. O que faltava era uma parceria com a indústria. O interesse internacional é crescente, e considero que o Brasil contribui de maneira original com o cenário mundial do design.

Que identidade tem o design nacional?

O Brasil é um país continental, com uma vastidão cultural enorme. A nossa identidade é a diversidade, porque o design brasileiro é um design mestiço que se contamina. O que une essa identidade no plural é uma capacidade de criar em condições não ideais, com os materiais e as tecnologias que estão à mão. É um talento para a improvisação. Porque não temos

Acima, Adélia Borges. Na outra pág., de cima para baixo, banco de madeira da etnia tukano e jogo americano de fibra de arumã, ambos produzidos em São Gabriel da Cachoeira, AM; e jogo com aves de *biscuit*, de São Lourenço do Sul, RS

“A NOSSA IDENTIDADE É A DIVERSIDADE, PORQUE O DESIGN BRASILEIRO É UM DESIGN MESTIÇO QUE SE CONTAMINA”

um lastro cultural tão forte e letrado. Isso leva a um design com mais informalidade, leveza, despojamento, além de certo humor. Claro que há designs e designs. Agora, interessante é não falar dessa identidade de forma estereotipada.

Você já disse: “Prefiro visitar o interior do Brasil a ir ao Salão de Milão”. Por quê?

O crítico literário Roberto Schwarz fala de um “torcicolo intelectual” característico do brasileiro, que prefere buscar referências lá fora. Só recentemente, vemos mudanças a respeito. Bom é circular entre os dois mundos, entre todos os mundos. Gosto de me embrenhar em lugares brasileiros porque uma missão minha é trazer à tona e valorizar criações feitas aqui. Os grandes poetas, os poetas universais, foram os que cantaram sua aldeia.

A produção popular ainda enfrenta preconceitos. É por conta disso que seu novo livro aborda o artesanato?

Por causa disso e também porque está acontecendo uma verdadeira revolução no Brasil e na América Latina. Uma “revolução silenciosa”. Essa expressão, do curador australiano Kevin Murray, aponta para a união entre designers e artesãos, no âmbito da mudança social. Quando, por exemplo, um designer como Renato Imbroisi desenvolve trabalhos de artesanato com uma comunidade brasileira, ele a ajuda a melhorar a renda, o que faz com que seus integrantes não precisem migrar, além de manter uma tradição cultural. Mas, em outros casos, pode haver equívocos cometidos nesse encontro. Eles derivam de uma postura que não vê o artesão como criador e, em vez de dialogar, impõe.

Como será o livro?

Vai historiar essa aproximação entre artesãos e designers. Primeiro, irá contar porque esses mundos estavam tão apartados no Brasil, diferentemente de outros países. Vou passar também pelo início do ensino de design no Brasil, que fortaleceu muito uma visão funcionalista e, em nome do lema “a forma segue a função”, não valorizava as raízes culturais locais, além de ver, como legítimo, apenas o design com adjetivo industrial. Vou apontar que não há



uma receita pronta para essa aproximação, porque há vários caminhos possíveis. E, então, deter-me a algumas experiências que considero exemplares. Não porque sejam perfeitas, mas por mostrarem um trabalho continuado, sério e com resultados.

Quais experiências serão contadas?

Vão, por exemplo, desde a COOPA-ROCA, uma cooperativa de mulheres moradoras da favela da Rocinha, no Rio, até o pessoal de São Gabriel da Cachoeira, na fronteira com Colômbia e Venezuela, onde se vê um artesanato muito bacana, de cestaria e outras coisas feitas com talos de arumã e fibras de tucum, além do artesanato de bancos indígenas. Do noroeste, vamos para o extremo sul do país, até a região da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, onde há um artesanato vinculado à expressão da fauna local daquela interessante área, já na fronteira com o Uruguai. Vou mencionar ainda as bonequeiras de Esperança, na Paraíba, e as bordadeiras da Ilha do Ferro, em Alagoas. É uma mescla de experiências de trabalho artesanal mais tradicional com um design mais inovador, sempre com a união de designers e artesãos.

O conceito de “glocal” continua a ser uma vertente para o desenvolvimento da produção regional ou a globalização fala mais alto?

A globalização é um fato inconteste que nos leva a ser cidadãos do mundo. E é esse fato que está nos conduzindo à necessidade de pertencimento. Acreditava-se que a globalização ia matar as expressões locais, mas não. Elas se mantêm porque falam ao nosso coração. ■



Fotos: Celso Brandão (crochê), Gabriel Matarazzo (banco), Lucas Moura (jogo) e Rogério Assis (cestaria)



Caixas de fibras de tucum, tecidas em São Gabriel da Cachoeira, AM. No alto, peça de crochê da COOPA-ROCA, da favela da Rocinha, Rio de Janeiro